

Fenômenos Linguísticos:

Tipos de Discurso

1) Tipos de discurso

A tipologia do discurso refere-se às diferentes maneiras de que o narrador dispõe para tratar as falas dos personagens.

A manifestação do pensamento dos personagens pode se processar de diversas formas. A escolha da nuance de manifestação permitirá a construção de determinados efeitos expressivos, contribuindo, assim, para a riqueza do texto.

Como no gênero narrativo os personagens estão mais nitidamente caracterizados, vamos tomá-lo como base. É possível identificar três modalidades de discurso.

a) Direto

Aquele que apresenta, literalmente, a fala dos personagens. Sua manifestação se dá por meio de aspas ou travessões – embora na literatura contemporânea isso nem sempre ocorra. Observe:

(...) Jorge sorriu e replicou:

— O que o senhor acaba de dizer não será animador, mas persuado-me que é a realidade pura. Admira-me somente que tenha tanta penetração e superioridade para ver e confessar os vícios da natureza humana...

— Sou prático, tornou o outro sorrindo. Raras vezes me irrita, conquanto lastime sempre o que é fraqueza ou perversão. Assim, por exemplo, eu não lhe ficaria querendo mal se o senhor me houvesse iludido agora acerca de seus sentimentos, porque o seu interesse e o seu dever é negá-los.

(ASSIS, Machado de. Iaiá Garcia. In: _____. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 459.)

Afinal o doutor Rodolfo Arlindo me telefonou. Cheguei à mesma hora, com uma caixa de isopor preta. A outra caixa era branca. Não sei por que estou fazendo isso. Acho que tenho pena do senhor. É disso que eu preciso. De pessoas que tenham pena de mim. Fomos para a sala interna do consultório, a que parecia uma minienfermaria.

O exemplo acima, de Rubem Fonseca, prescinde das marcas tradicionais do discurso direto, embora ele se faça presente no quarto, quinto, sexto e sétimo períodos.

Como você pôde perceber, no discurso direto o personagem assume o texto no lugar do narrador. Isso faz com que a emoção dos personagens seja valorizada e garante uma narrativa mais ágil.

b) Indireto

Nessa modalidade, a fala dos personagens é apresentada por meio do narrador. Nesse discurso, ocorre maior distanciamento do leitor em relação à matéria ficcional, uma vez que ela é filtrada pelo narrador.

Observe com atenção o último período do trecho destacado abaixo:

Era D. Tonica; vinha chamá-lo para ir embora. O chá estava na mesa, é verdade; mas não podia esperar mais, tinha dor de cabeça, disse ela ao pai, baixinho. Depois estendeu os dedos ao Rubião; este pediu-lhe que ficasse ainda alguns minutos; o estimável major...

(ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In: _____. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 675.)

Algumas adaptações estruturais do discurso direto para o indireto se fazem necessárias, como a mudança do tempo verbal, a escolha de advérbios e pronomes e a introdução da conjunção subordinativa integrante. Acompanhe:

Discurso direto:

O paciente perguntou ao médico:

- Devo deixar meus pertences nessa cadeira aqui?

Discurso indireto:

O paciente perguntou ao médico se devia deixar seus pertences naquela cadeira ali/lá.

c) Indireto Livre

Surge quando ocorre uma espécie de “fusão” entre as palavras do narrador e as dos personagens. Essa utilização revela-se bastante expressiva quando o objetivo é trazer à tona o pensamento do personagem. Sem dúvida, é a forma mais expressiva de ligação entre o narrador e o personagem. Nesse caso, o narrador fala e pensa como se estivesse ele próprio vivendo aquela cena do personagem.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que ele era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

Nesse trecho, podemos verificar a manifestação das palavras de Fabiano, sem as ligações sintáticas à fala do narrador, comuns no discurso indireto. Atente para o fato de que foi mantida, por exemplo, a interrogação direta do personagem.

2) Intertextualidade

A competência em leitura e em produção textual não depende apenas do conhecimento do código linguístico. Para ler e escrever com proficiência, é imprescindível conhecer outros textos, estar imerso nas relações intertextuais, pois um texto é produto de outro texto, nasce de/em outros textos. A essa relação (que pode ser explícita ou implícita) que se estabelece entre textos dá-se o nome de **intertextualidade**. Ela influencia, decisivamente, o processo de compreensão e de produção de textos.

Nossa compreensão de um texto depende assim de nossas experiências de vida, de nossas vivências, de nosso conhecimento de mundo, de nossas leituras. Quanto mais amplo o cabedal

de conhecimentos do leitor, maior será sua competência para perceber que o texto dialoga com outros, por meio de referências, alusões ou citações, e mais ampla será sua compreensão.

As referências são muitas vezes facilmente perceptíveis, identificadas pelo leitor. Por exemplo, no anúncio publicitário sobre meias "Os fins justificam as meias", o leitor percebe de imediato a recriação da máxima "Os fins justificam os meios". Há, por outro lado, referências, alusões muito sutis, compartilhadas ou identificadas apenas por alguns leitores, que têm um universo cultural, um conhecimento de mundo muito amplo.

(Retirado de: www.pucrs.br/gpt/intertextualidade.php)

Os principais tipos de intertextualidade são:

- a) **Epígrafe** – a escrita introdutória de um outro texto, normalmente utilizando o original para criar um pretexto.
- b) **Paráfrase** – trata da manutenção do sentido do texto original, porém com o uso de novos recursos ou palavras pelo autor.
- c) **Paródia** – trata da modificação do sentido do texto original, de forma sutil ou explícita. Na maioria das vezes, percebe-se o viés crítico ou irônico/humorístico.
- d) **Citação** – acontece quando há a transcrição do texto alheio, normalmente marcado pelo uso de aspas ou referência direta ao seu autor.

Além dessas, muitas outras formas podem ocorrer; como já se disse, são a capacidade de compreensão e o conhecimento de mundo do leitor os fatores determinantes para que o processo de intertextualidade ocorra de forma efetiva.

Analise os exemplos a seguir:

Exemplo 1

Meus oito anos

Oh! Que saudade que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais
Que amor, que sonhos, que flores
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!

(Casimiro de Abreu)

Meus oito anos

Oh! Que saudade que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da rua São Antonio

Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais!

(Oswald de Andrade)

Exemplo 2

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria
ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou-se com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado
na história.

(Carlos Drummond de Andrade)

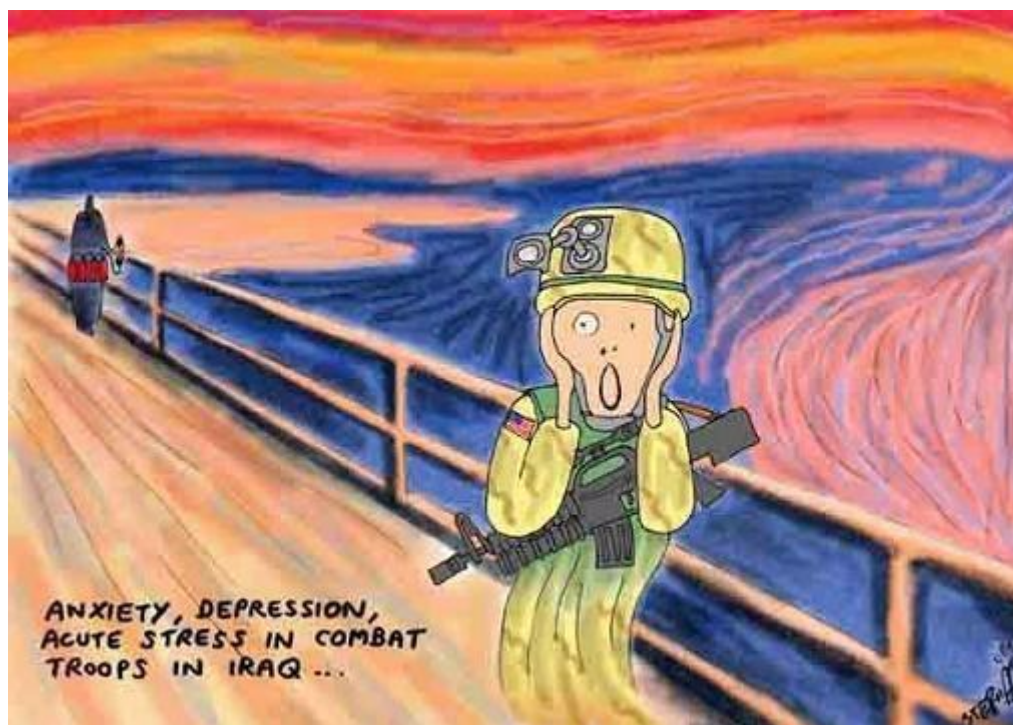
João joga um palitinho de sorvete na
rua de Teresa que joga uma latinha de
refrigerante na rua de Raimundo que
joga um saquinho plástico na rua de
Joaquim que joga uma garrafinha
velha na rua de Lili.
Lili joga um pedacinho de isopor na
rua de João que joga uma embalagenzinha
de não sei o quê na rua de Teresa que
joga um lencinho de papel na rua de
Raimundo que joga uma tampinha de
refrigerante na rua de Joaquim que joga
um papelzinho de bala na rua de J.Pinto
Fernandes que ainda nem tinha
entrado na história.

Ricardo Azevedo ("Você Diz Que Sabe Muito, Borboleta Sabe Mais", Fundação Cargill)

Exemplo 3:



(Edward Munch, "O Grito")





Exercícios

1. "Aliás, o próprio Bartolomeu disse uma vez: 'Não escrevo o que sou. Eu escrevo o que me falta'." Transformando o discurso direto em indireto, teremos:
- a) Aliás, o próprio Bartolomeu disse uma vez que não tinha escrito o que fora. Ele escrevera o que lhe faltara.
 - b) Aliás, o próprio Bartolomeu disse uma vez que não escreveu o que tinha sido. Ele escreveu o que lhe faltou.
 - c) Aliás, o próprio Bartolomeu disse uma vez que não escrevia o que era. Ele escrevia o que lhe faltava.
 - d) Aliás, o próprio Bartolomeu disse uma vez que não escrevera o que era. Ele escrevera o que lhe tinha faltado.
 - e) Aliás, o próprio Bartolomeu disse uma vez que não escrevia o que fora. Ele escreveu o que lhe faltava.

História estranha

Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade. Está com quarenta, quarenta e poucos. De repente dá com ele mesmo chutando uma bola perto de um banco onde está a sua babá fazendo tricô. Não tem a menor dúvida de que é ele mesmo. Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá. Tem uma vaga lembrança daquela

cena. Um dia ele estava jogando bola no parque quando de repente aproximou-se um homem e... O homem aproxima-se dele mesmo. Ajoelha-se, põe as mãos nos seus ombros e olha nos seus olhos. Seus olhos se enchem de lágrimas. Sente uma coisa no peito. Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo. Como eu era inocente. Como os meus olhos eram limpos. O homem tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente. Depois sai caminhando, chorando, sem olhar para trás.

O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta. Também se reconheceu. E fica pensando, aborrecido: quando eu tiver quarenta, quarenta e poucos anos, como eu vou ser sentimental!

(Luis Fernando Veríssimo, Comédias para se ler na escola)

2. O discurso indireto livre é empregado na seguinte passagem:

- a) Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo.
- b) Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá. Tem uma vaga lembrança daquela cena.
- c) Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade.
- d) O homem tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente.
- e) O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta.

Instrução

As questões seguintes são relacionadas a uma passagem bíblica e a um trecho da canção *Cálice*, realizada em 1973, por Chico Buarque (1944 -) e Gilberto Gil (1942 -).

Texto bíblico

Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (Lucas, 22)

(In: Bíblia de Jerusalém. 7ª impressão. São Paulo: Paulus, 1995)

Trecho de canção

Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga,
Tragar a dor, engolir a labuta,
Mesmo calada a boca, resta o peito,
Silêncio na cidade não se escuta.
De que me vale ser filho da santa,
Melhor seria ser filho da outra,
Outra realidade menos morta,
Tanta mentira, tanta força bruta.

(In: www.uol.com.br/chicobuarque/)

3. Um texto pode se revelar, na forma e/ou no conteúdo, como absorção e transformação de um ou mais textos. Por isto, quando ele é lido, algumas de suas partes podem lembrar o que já foi lido em outro(s) texto(s). A essa relação de semelhança e superposição de um texto a outro dá-se o nome de "intertextualidade". Inúmeros autores extraem desse procedimento interessantes efeitos artísticos.

Comparando-se a primeira estrofe de "Cálice" com o texto bíblico, pode-se afirmar corretamente que:

- a) ocorre intertextualidade porque a estrofe contém, na forma e no conteúdo, parte da passagem evangélica.
- b) não há intertextualidade porque, na estrofe, foi omitida a outra frase atribuída a Jesus.
- c) não há intertextualidade porque, na estrofe, não há menção ao sentido condicional presente na primeira frase atribuída a Jesus.
- d) ocorre intertextualidade, mas apenas quanto aos elementos morfosintáticos da frase atribuída a Jesus.
- e) não há intertextualidade porque a estrofe transforma, semanticamente, a passagem evangélica, dando-lhe uma conotação política.

A estrela sobe

Vai um dia, uma semana, um mês. Vai o inverno, o verão.

As mesmas festas, os mesmos clubes, os mesmos cinemas.

Os amiguinhos é que mudam. Não suportava uma semana a mesma cara, a mesma voz, os mesmos beijos. Vem o carnaval, fantasiou-se de camponesa russa – que loucura! Para as noites de casa tem os romances emprestados, as revistas, os jornais dos hóspedes. Tem o rádio do vizinho também. É desgraçado de fanhoso, mas é rádio. Tem Seu Alberto sempre amigo, sempre de violão, animando-a:

— Que linda voz!

— Pelo senhor eu já estava no rádio, não é, Seu Alberto?

— Por que não? Há muitas piores que lá estão.

Leniza confundia-o:

— Está ouvindo, mamãe? Piores.

Dona Manuela ria, ele ria também:

— É uma maneira de dizer.

— Eu sei!...

Dona Manuela achava que era preciso muito pistolão.

Seu Alberto achava que seria bom ela tentar. Ir a uma estação, cantar para eles ouvirem...

Voz tinha. Graça também. Quem sabe? Ia falando, falando... – a voz mole, arrastada, quase feminina.

Dona Manuela insensivelmente dando corda: — É, não é... – Leniza não ouve – sonha. Ela cantando. Ela ouvida pela mãe, por Seu Alberto, pelo vizinho, por todo mundo.

Ela ganhando dinheiro, muito dinheiro, ela se vestindo bem, cotada à beça, com retrato nos jornais todos os dias. Seu Alberto só chama Leniza de senhora, de dona:

— A senhora também não acha, Dona Leniza?

Leniza acorda:

— O quê?

— Que não há outra como a Carmem Miranda.

— Que dúvida!

Dona Manuela não acha. Gosta dela sim, mas gosta mais de Araci Cortes. Acha-a mais mimosa. Tinha-a visto no teatro, há muito tempo, poucos dias antes do marido cair entrevado, coitado. Muito mimosa. Seu Alberto ria:

— Qual, Dona Manuela, a senhora está muito atrasada.

A Araci é material da Monarquia.

REBELO, Marques. A estrela sobe. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

4. A existência de um narrador e de personagens em um texto narrativo possibilita a ocorrência dos três tipos fundamentais de discurso: direto, indireto e indireto livre.

a) Considere o seguinte trecho que está em discurso direto: “- Que linda voz! - Pelo senhor eu já estava no rádio, não é, Seu Alberto?” Reescreva-o utilizando discurso indireto.

b) No trecho compreendido entre as linhas 01 e 06 do texto acima, o narrador recorreu ao discurso indireto livre. Caracterize este recurso narrativo e cite uma frase do referido trecho como exemplo.

Gabarito

1. C
2. A
3. A
4. a) Seu Alberto disse que a voz de Leniza era linda, e ela comentou que, por ele, ela já estaria no rádio.
b) No discurso indireto livre, os pensamentos, as ideias, as falas dos personagens são incorporadas ao discurso do narrador, sem utilização de verbos dicendi. Exemplo: que loucura ou É desgraçado de fanhoso, mas é rádio.